

AS LUGARIDADES E TERRITORIALIDADES DOS SHOWS DE MÚSICA DE GRANDE PORTE

EDUARDA CIVIDINI¹
Universidade Federal do Paraná

RESUMO | Esse trabalho propõe uma interseção entre os Estudos de Fãs e Geografia para analisar como as relações das culturas de fãs configuram territorialidades e lugaridades durante um show de música de grande porte. A metodologia consiste em observação participante em quatro shows. Observamos que as lugaridades e temporalidades são efêmeras, ocasionadas por um evento específico, e mobilizam comportamentos, relações e identidades múltiplas que se inter cruzam, imbuindo o espaço de significado.

PALAVRAS-CHAVE | Cultura de fãs; eventos; lugar; território; identidade; disputas.

PROPOSTA

Para os fãs, shows de música de grande porte são eventos que vão além da apresentação do artista: são compostos de variadas relações que se entrecruzam no show e ao redor dele. A experiência se torna intensa e carregada dinâmicas próprias. No Brasil, é comum que sejam observadas filas longas de dias e até acampamentos em estádios e arenas, o que incita dinâmicas de disputas e solidariedades entre fãs na busca pela maior proximidade com o palco (Soares, 2020). O show – antes e durante e depois do espetáculo – possibilita encontros de temporalidades, identidades e trajetórias que imbuem o espaço de significado. Nesse contexto, esse trabalho se preocupa com as dimensões espacializadas do show de música a partir do entrelace entre a Geografia e os Estudos de Fãs.

As configurações e dinâmicas que emergem das culturas de fãs apresentam uma oportunidade para que a Geografia entrelace e (re)pense seus conceitos fundamentais à luz das configurações – relacionais e espaciais – das culturas pop em suas variadas escalas (Hastie; Saunders, 2023). Ao mesmo tempo, os Estudos de Fãs se beneficiam de abordagens geográficas para compreender as dimensões espacializadas de fenômenos intrínsecos à cultura pop. Pensando nas intersecções entre culturas pop e a Geografia, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: como as relações emergentes das culturas de fãs configuram territorialidades e lugaridades durante um show de música de grande porte?

É possível pensar o espaço geográfico a partir de diversas categorias de análise, dentre os quais estão o lugar e o território. Esses conceitos se tornam relevantes para a discussão das culturas de fãs, uma vez que estão ligados a questões de identidade, pertencimento, afetividade e, ao mesmo tempo, disputas, política e poder. Entendemos

¹ Mestre e Doutoranda em Geografia/PPGGEO-UFPR; cividinieduarda@gmail.com.

que a experiência do show é multifacetada e, dessa forma, buscamos explorar dimensões distintas, mas complementares, da experiência de um show.

A metodologia do trabalho consiste em observação participante em quatro shows da turnê *Got Back Tour* do cantor Paul McCartney em dezembro de 2023. Enquanto fã e pesquisadora (Cinque, 2019; Hansal; Gunderson, 2020), me inseri em grupos de fãs, acompanhei filas e organizações de fãs ao longo da turnê e conduzi conversas informais com outros fãs participantes dos eventos, tanto presencialmente quanto através de grupos de *WhatsApp*. As observações foram registradas em diário de campo, complementado através de recursos audiovisuais, e analisadas à luz dos conceitos elencados.

Para analisarmos as espacialidades do show, é preciso estabelecer o que entendemos por lugaridades e territorialidades. Conceitualmente, o lugar é entendido como um “centro de significados” atrelados à afetividade e à experiência vivida dos sujeitos (Cresswell, 2015-). Nesse trabalho, entendemos o lugar como um processo dinâmico que está em devir, associado com uma temporalidade (Seamon; Larsen, 2020). Como parte do processo de constituição do lugar está o encontro de múltiplas trajetórias sociais que se interligam a partir de conexões formadas em diversas escalas (Turra Neto, 2015). Assim, pensamos a partir de lugaridades não permanentes; ou seja, o lugar é não é estático, mas o *locus* de significados emergentes (Marandola Jr., 2020).

Pensar o show através do lugar nos leva aos significados que o espaço físico – no caso da turnê *Got Back*, o estádio – assume através das experiências vividas pelos fãs. O lugar onde o show acontece tem diversas outras funções – um estádio geralmente é dedicado a esportes, por exemplo – e não está permanentemente associado com aquele show. No entanto, durante aquele evento, se “transforma” em um lugar de forte significado para os fãs. Nas entrevistas, os fãs descreveram o sentimento de estar “respirando o mesmo ar” que seu ídolo e a sensação de pertencimento a partir da interação com a comunidade de fãs. A sensação de identificação entre os fãs gera uma familiaridade entre aquelas pessoas, mesmo as que não se conhecem. O local em que o show ocorre adquire significado, então, através da ação coletiva dos fãs e do artista naquele lugar, resultado de identidades construídas em diversas escalas que convergem em um mesmo espaço (Massey, 1994).

A territorialidade, por sua vez, é definida por Sack como “a tentativa de afetar, influenciar ou controlar ações e interações (de pessoas, coisas e relacionamentos) afirmando e tentando fazer cumprir o controle sobre uma área geográfica” (Sack, 1983, p. 55). Pensar as territorialidades do show de música permite que articular as disputas de poder – especialmente as simbólicas – que ocorrem ao longo do show.

A fila do show, em especial, é um dos lugares em que as disputas de poder e disputas pelo espaço se tornam pronunciadas. A disputa pela dominação do espaço, nesse caso, está diretamente ligada à proximidade com o palco. A disputa é para estar o mais à frente possível, uma vez que aqueles mais à frente da fila têm mais chance de ficar mais perto do seu ídolo durante o show. A proximidade com o ídolo se torna, ao mesmo tempo, um desejo carregado de noção afetiva e também imbuído de *status* e capital entre os fãs (Thelen; Kim, 2023).

O espaço da fila torna-se, portanto, territorializado. Os fãs empregam estratégias de controle: em um dos shows da *Got Back Tour* foram distribuídas pulseiras com o número da posição de cada fã na fila. A partir disso, era possível controlar as movimentações, podendo sair para almoçar, por exemplo, sem que o fã perdesse o

seu lugar na fila. Essas restrições eram impostas pela primeira pessoa da fila, que ficava responsável pela organização. O poder de quem controla a fila é um acordo tácito entre os fãs. O detentor das fitas se torna uma espécie de autoridade que reforça as normas estabelecidas. Existe uma hierarquia e competições *status*, ou de capital de fã (Thelen; Kim, 2023). Há comparações de quantos shows a pessoa já foi, quantas grades a pessoa já pegou. Alguns fãs, que frequentam as filas há mais tempo, parecem se sentir “merecedores” do seu lugar. Enquanto isso, algumas demonstrações de agressividade se manifestam entre quem tenta “furar a fila” e quem já está na fila, e as pessoas formam amizades que viram “alianças” para guardar lugar, para segurança e apoio logístico.

Tanto as lugaridades quanto as territorialidades do show acontecem de maneira simultânea, em um processo que está atrelado fortemente a uma temporalidade específica: a duração do show. Após o fim do evento, o espaço deixa de ter aqueles significados e volta a ser apropriado pelos seus usos cotidianos. Assim, essas são lugaridades e temporalidades efêmeras, ocasionadas por um evento específico, que mobilizam comportamentos, relações e identidades múltiplas que se inter cruzam com as culturas de fãs e com a cultura pop. A análise proposta por esse trabalho permite identificar algumas das características dessas dinâmicas a partir da ótica da Geografia, apresentando pontes interdisciplinares com os Estudos Culturais e com os Estudos de Fãs.

REFERÊNCIAS

- CRESSWELL, T. **Place: an introduction**. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd, 2015-. ISSN 9780760768587. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32016R0679&from=PT%0Ahttp://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:52012PC0011:pt:NOT>.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, [s. l.], v. 9, n. 17, 2010.
- HASTIE, A.; SAUNDERS, R. A. (Em)placing the popular in Cultural Geography. **Social and Cultural Geography**, [s. l.], v. 00, n. 00, p. 1–13, 2023.
- MARANDOLA JR., E. Lugar e lugaridade. **Mercator**, [s. l.], v. 19, p. 1–12, 2020.
- MASSEY, D. **Space, place and gender**. Minneapolis: [s. n.], 1994.
- SACK, R. D. Human Territoriality: A Theory. **Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 73, n. 1, p. 55–74, 1983.
- SEAMON, D.; LARSEN, T. Humanistic geography. In: RICHARDSON, D. *et al.* (org.). **International Encyclopedia of Geography**. [S. l.]: Wiley, 2020. p. 1–12. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118786352.wbieg0412.pub2>.
- SOARES, T. Políticas de solidariedade em acampamentos de fãs em shows de música pop. **Galáxia (São Paulo)**, [s. l.], n. 44, p. 188–200, 2020.



THELEN, T.; KIM, S. Understanding fan tourists at a non-commodified fan pilgrimage site: an application of fan capital theory. **Current Issues in Tourism**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 12–17, 2023.

TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 52, 2015.